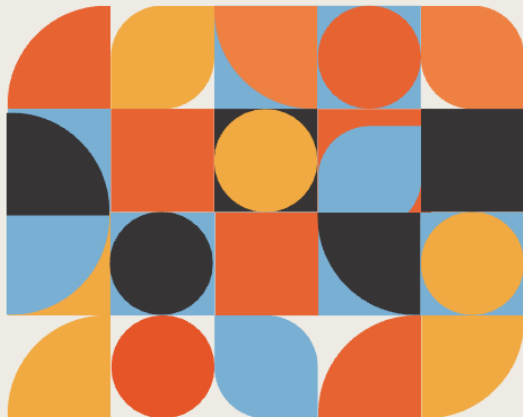




DESAGRADAR O OLHAR DO OUTRO: O GRUNGE E A ESTÉTICA KINDERWHORE

Displeasing the gaze of the other: grunge and the kinderwhore aesthetic

Macedo, Ana Beatriz Teixeira; Universidade Federal de Juiz De Fora, anabeatrizteixeiramacedo@gmail.com¹
Figueredo, Henrique Grimaldi; PhD; Universidade Federal de Juiz de Fora,
henriquegrimaldi.figueredo@ufjf.br²

Resumo: A pesquisa apresenta como a estética *kinderwhore* utiliza os signos da feminilidade para confrontar a cultura dominante, através de uma análise do discurso das performances de Courtney Love e Kat Bjelland no contexto do grunge dos anos 1990.

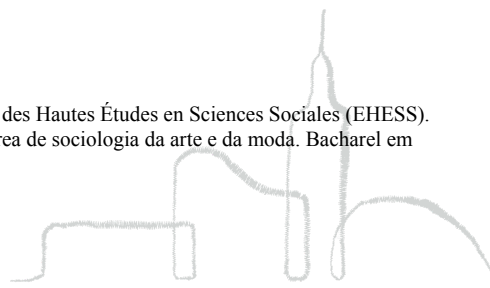
Palavras chave: kinderwhore; grunge; moda.

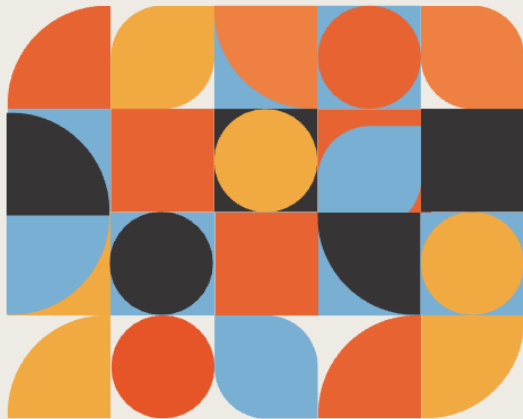
Abstract: The research presents how the kinderwhore aesthetic uses the signs of femininity to confront the dominant culture, through an analysis of the discourse of the performances of Courtney Love and Kat Bjelland in the context of 1990s grunge.

Keywords: kinderwhore; grunge; fashion.

¹ Acadêmica do curso Bacharelado em Moda da UFJF.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com estágio doutoral pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Mestre em Artes, Cultura e Linguagens pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com dissertação na área de sociologia da arte e da moda. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF – PUC MINAS).



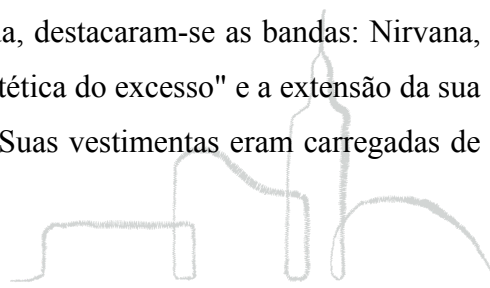


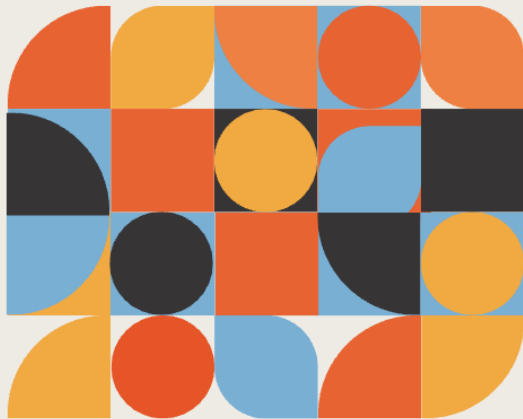
Introdução

A partir da leitura de Roland Barthes, *Mitologias* (1957), entende-se que a linguagem é um sistema de signos capaz de produzir sentidos conotativos que se disfarçam de naturais construídos pela história, considerando o arquétipo da menina como um mito moderno na teoria barthesiana, são os seus códigos que serão contestados e tensionados pela estética *kinderwhore*. O artigo tem como objetivo posicionar o estilo como uma linguagem de inclinação política, tendo como objetos de análise as performances e discursos de Courtney Love e Kat Bjelland, a pesquisa não busca comprovar a politização explícita de seus discursos, esses se fazem justamente políticos por serem articulados de forma pessoal, subjetiva e contra-hegemônica, as artistas não se inserem em movimentos políticos diretos, mas estão associadas à esses. É possível analisar que seus posicionamentos refletem descontentamento acerca dos papéis atribuídos à mulher na sociedade contemporânea, e foi no movimento grunge que as artistas encontraram espaço para disseminar suas críticas, que se consagram como formas de resistência simbólica.

Do grunge ao *kinderwhore*

Na década de 1990, Seattle (WA) foi o cenário com condições ideais para o surgimento do grunge: uma cidade geograficamente isolada e com poucas saídas laborais para os jovens trabalhadores, esteticamente descrita como "suja", seria o berço para a geração grunge (Figueredo e Guerra, 2025, p. 13). O cenário de regressão econômica situada na época, agregado do desencantamento do mundo que essa geração passava, culminaria num estado de desesperança e insegurança acerca de seu próprio futuro, é a partir desse sentimento compartilhado que o grunge tem suas raízes (Arnold, 1998, p. 235). Considerada a última subcultura a desconstruir a moda, descrita como uma fusão do punk e heavy metal, através das suas guitarras "sujas", que lembram o estilo de música de garagem e uma estética sonora desleixada, destacaram-se as bandas: Nirvana, Alice in Chains, Pearl Jam e Soundgarden. Seu estilo é descrito como "estética do excesso" e a extensão da sua sonoridade e modo de ser (Figueredo e Guerra, 2025, p. 9, p. 11, p. 17). Suas vestimentas eram carregadas de





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

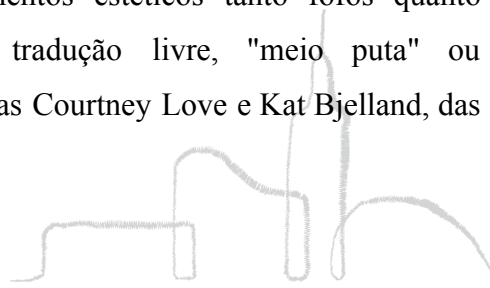
FAAP - SÃO PAULO

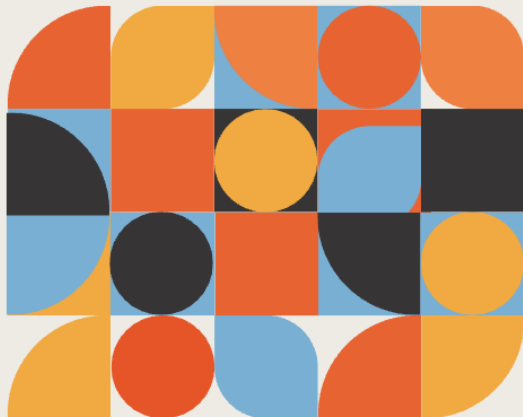
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

características regionais, devido ao clima frio e chuvoso, o uso de flanelas, composições com camadas de roupas eram mais comum (Mendonça, 2014, s/p). Isto é, podemos dizer que o estilo grunge surge de maneira um tanto orgânica, sendo responsivo a condicionantes locais, em resposta ao glamour excessivo da década anterior. Com a sua estreia nas passarelas em 1992, a coleção intitulada Grunge, por Marc Jacobs, não agradou o público, terminando em sua demissão e as peças sendo queimadas pelo casal Kurt e Courtney (Mendonça, 2014, s/p). Segundo Catherine Strong:

(...)uma característica incomum da cena grunge era a proporção relativamente alta de artistas e bandas femininas, e isso, combinado com posturas antissexistas explícitas adotadas por músicos grunge masculinos proeminentes, como Kurt Cobain, e sua proximidade com o movimento feminista Riot Grrrl, serviu para posicioná-la como uma cena mais neutra em termos de gênero do que muitas outras no "rock". (Strong, 2011, p. 2, tradução nossa)

No entanto, como gênero musical, o grunge ainda é majoritariamente lembrado pelas suas bandas e figuras masculinas. Descritas por Elizabeth Wurtzel, em seu artigo *Girl Trouble* (1992) como "barulhentas, abrasivas, raivosas, desagradáveis - e ainda, de alguma forma, meio femininas" Hole, L7 e Babes in Toyland eram as bandas femininas de destaque na cena. Essa mensagem de igualdade de gênero, como nunca visto antes na história do rock, foi originada e reforçada pelo movimento associado Riot Grrrl (Strong, 2011, p. 9). O movimento nasceu em Olympia (WA), fundado por Kathleen Hanna (Bikini Kill) no início da década de 90, movido pela frustração de mulheres com o movimento punk e o sexismo presente na cena, se difundiu principalmente através das zines (Cipalla, 2022, s/p). A escolha do termo "*Grrrl*" é interessante de se analisar, pois sendo um movimento feito por e para mulheres, podemos então nos perguntar: por que o uso de "garota" e não mulher? Segundo o Marion Leonard (2007, p. 117), era uma forma de retomar a palavra e seu significado, que pelo uso frequente do termo mulher pelas feministas tradicionais, diminuiu o valor do termo garota, despolitizando-o. Enquanto o Riot Grrrl era essencialmente um movimento político e social, o *kinderwhore* era um estilo que frequentemente surgia na cena como uma forma de subverter as expectativas, tanto da feminilidade tradicional quanto da cena do rock, incorporando elementos estéticos tanto fofos quanto agressivos. Do inglês, *kindergarten*, *kinda-of*, *kind*, *whore*, de tradução livre, "meio puta" ou "menina-prostituta", o estilo foi popularizado principalmente pelas cantoras Courtney Love e Kat Bjelland, das





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

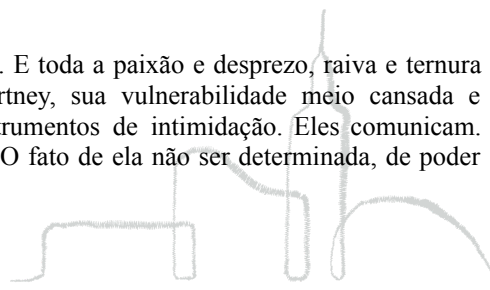
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

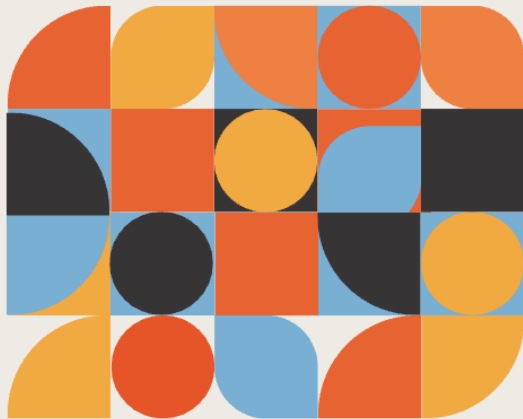
bandas Hole e Babes in Toyland, respectivamente. Seus elementos estilísticos se caracterizam por: cabelo loiro e despenteado, adornos como coroas e presilhas, bochechas rosadas contrastando com um batom vermelho e olhos destacados de preto. Na vestimenta, é comum vestidos *babydoll*, coturnos, meias de renda, casacos de pelo ou couro (Mendonça, 2013, s/p). Na estética, ressalta a união de elementos que se contrapõem: a vulgaridade e inocência. Essa escolha por si só já é passível de destaque, mas quando unida ao discurso e performance tem um potencial para além da aparência. Analisando as duas figuras mais conhecidas pela estética, é possível notar que essas usam a mesma linguagem visual para expressar coisas diferentes, ainda assim, é nítido que em ambas existe a presença do potencial político. O *kinderwhore* não é um estilo que sexualiza elementos infantis, mas sim satiriza o ideal de feminilidade, a polaridade nos estereótipos femininos e tem sua base numa ideologia feminista. Diferente do movimento Riot Grrrl, o *kinderwhore* articula o feminismo de uma forma mais pessoal do que coletiva, baseado nas experiências individuais das artistas.

Courtney Love e Kat Bjelland

Consideradas amigas e rivais, foram vocalistas e guitarristas de suas respectivas bandas, Hole e Babes in Toyland. Antes de iniciar a carreira na música, trabalharam como strippers, além de morarem juntas por um período. Em 1985, formaram a banda Pagan Babes com Jennifer Finch (L7) em San Francisco, que com apenas ensaios esporádicos, separaram-se por desavenças. Courtney mudou-se para Los Angeles, onde formou o Hole em 1989, e Kat voltou a Minneapolis, onde formou o Babes in Toyland. Por viverem juntas, terem gostos e estilos de vida parecidos, era comum que dividissem suas roupas, fato que as tornou extremamente parecidas, levando-as a comparação exaustiva na mídia. Courtney se destacava pela atitude, permeada de contradições, chamava atenção da crítica por ser destoante de suas roupas. A partir de suas performances, aprofundi-me no show da banda realizado em 1993, no Subterania, em Londres, através do review publicado por Caren Myers na revista Melody Maker, arquivo encontrado no site Hole Archive:

Courtney Love - a mulher é sexo. A carnalidade encarnada. E toda a paixão e desprezo, raiva e ternura estão em fúria esta noite (...). O grito gutural de Courtney, sua vulnerabilidade meio cansada e inexpressiva quando sua voz suaviza, não são apenas instrumentos de intimidação. Eles comunicam. "Pretty On The Inside" me arrepiou os pelos dos braços.(...) O fato de ela não ser determinada, de poder





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

transformar sua fúria em uma selvageria catártica e edificante, é toda a evidência de força que preciso. Mais do que qualquer outra pessoa, ela prova que garotas podem fazer qualquer coisa (Myers, 1993, p. 18, tradução nossa).

É relevante analisar, que enquanto a autora descreve Courtney como a "carnalidade encarnada", o figurino utilizado pela cantora neste show é caracterizado por um vestido curto, sem decote, simples e rodado, com meias $\frac{7}{8}$ vermelhas e sapatos Mary Jane - conhecidos popularmente como "de boneca". Como podemos observar na figura 1:

Figura 1: Courtney Love em show da banda Hole, realizado em 24 de março de 1993, em Londres.

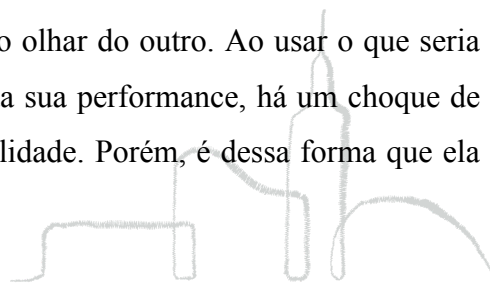


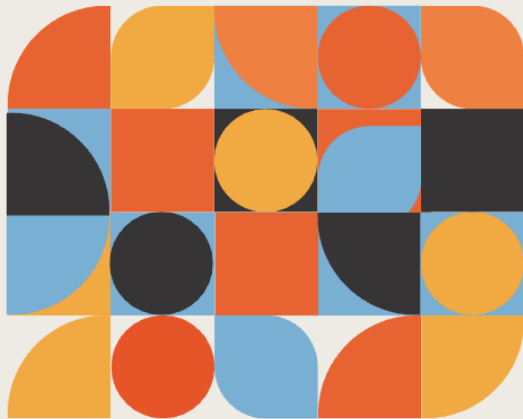
Fonte: <https://holearchive.com/03-24-1993-subterania/>

A essência do *kinderwhore* se manifesta pela união do estilo e atitude da cantora, que segundo essa, era uma busca para proteger seus discursos críticos nas suas músicas, que tinham suas letras gritadas:

Quando as mulheres ficam com raiva, são vistas como estridentes ou histéricas... Uma maneira de contornar isso, para mim, é descolorir o cabelo e ficar bonita. É ruim ter que fazer isso para que minha raiva seja aceita. Mas eu faço parte de um processo evolutivo, não sou o fim evoluído (Courtney Love para The New York Times, 1992, s/p, tradução nossa).

No entanto, o estilo de menina contradiz sua conduta, e provoca o olhar do outro. Ao usar o que seria considerado bonitinho, de uma forma a suavizar esse olhar antecedente da sua performance, há um choque de expectativa, que se dá pela desconstrução do sentido "natural" da feminilidade. Porém, é dessa forma que ela





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

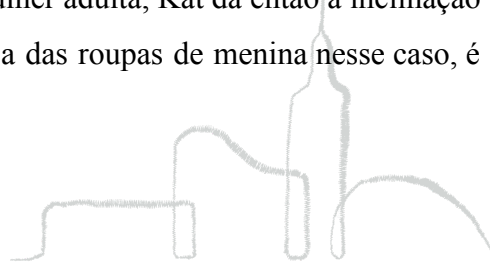
chama atenção para as reflexões nas suas músicas, onde ela explorava, através de temas como drogas, aborto e dor, o lugar das mulheres dissidentes, seus relacionamentos e suas vivências (Wurtzel, 1992, s/p), como em "*Asking For It*", de tradução livre "ela estava pedindo por isso", musica que aborda a culpabilização das vítimas de violência sexual, inspirada por uma situação vivida pela artista (Kim, 1996, s/p).

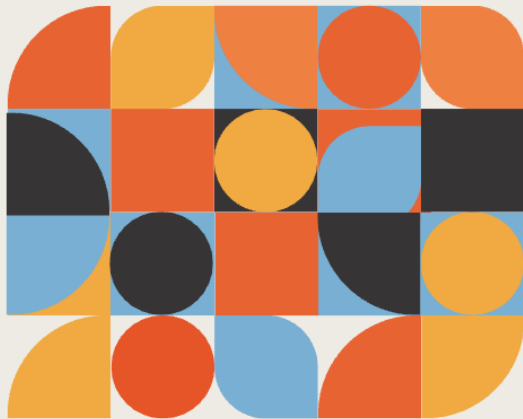
Analisando também a performance de Kat Bjelland, o objeto de pesquisa é a apresentação da Babes in Toyland no The Marquee Club, em Londres, de 1992, usando como referência a gravação publicada na íntegra no youtube³. No show, Kat veste um vestido curto rosa-claro, com mangas bufantes, que denota uma imagem infantilizada e delicada, remetendo ao arquétipo da menina. Contudo, essa imagem é imediatamente tensionada por sua presença no palco: ela grita, joga os cabelos, pula e "bate a cabeça" como uma roqueira. Ao longo da performance, sua maquiagem é borrada, e os movimentos do corpo variam entre o sutil e o agressivo, como na música "*Pearl*", em que ela chuta o ar de forma abrupta, calçada de sapatos de boneca, ícone clássico da feminilidade. Logo depois, adota uma pose introspectiva com os joelhos unidos, retomando um código corporal infantil. Essa oscilação entre o delicado e o violento constrói uma performance ambígua de signos. No caso da Kat, ela se distingue na função utilitária deste estilo e sua comunicação:

(...) acho que as roupas são uma forma de expressão e às vezes eu uso certas coisas porque são simplesmente confortáveis. Não consigo usar roupas compridas no palco porque não consigo me mexer, como minhas pernas, me sinto presa (Kat Bjelland para *Women, Sex and Rock&Roll: In Their Own Words*, 1994, p. 72, tradução nossa)

A forma que ela vai utilizar a estética é através de um recorte de liberdade e conforto em suas performances. Ao analisar a história do vestuário feminino, pude concluir que o conforto nunca foi a prioridade, como argumenta Susan Bordo (1997, p. 20), as roupas femininas historicamente refletem exigências culturais que moldam o corpo da mulher à custa de sua mobilidade e bem-estar. Se é através da estética que os corpos femininos são socialmente domesticados, com isso, o conforto torna-se secundário à aparência. Seria então na infância, em que o corpo feminino ainda não foi completamente docilizado, o período em que permitiria o conforto na vestimenta. Ao escolher e priorizar seu conforto como uma mulher adulta, Kat dá então a inclinação política ao ato de se vestir. Apesar de não ser consciente a escolha política das roupas de menina nesse caso, é

³ Pode ser encontrado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=8p755xz6a4Q>.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

interessante analisar como são justamente essas que são associadas à liberdade e conforto para ela, e assim como as *Riot Grrrls*, coloca a figura da menina como empoderadora.

Considerações Finais

Ao analisarmos as duas performances, podemos afirmar que o *kinderwhore* atua como uma antítese do mito tradicional: ele não rompe, mas expõe. Ao usarem trajes associados à feminilidade infantilizada, elas revelam a ilusão da construção simbólica da figura da menina e da mulher, e através da teoria barthesiana, foi possível compreender como elas reconfiguram os símbolos e os transformam em instrumentos de contestação. A estética se consolida como ferramenta dos discursos de cada figura analisada no sucesso ao desagradar a cultura dominante, desagrada à medida que confunde ao mesclar signos que socialmente não são aceitos como compartilháveis, e quando executado em performances musicais das bandas citadas, se torna um meio de amplificar os discursos em suas músicas. Ao tensionar esses elementos, o estilo revela sua função crítica: a vestimenta e a performance dessas artistas funcionam como um discurso que desnaturaliza os estereótipos de gênero e utiliza o corpo feminino como espaço de reapropriação simbólica.

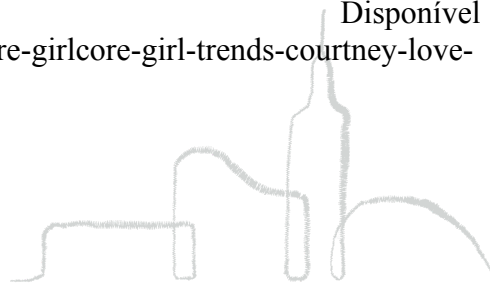
Referências:

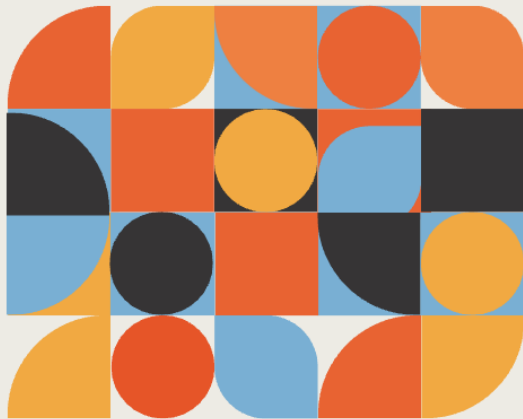
ARNOLD, G. **On the road to Nirvana**. London: Pan Books, 1998.

BARTHES, R. **Mitologias**. Tradução: Rita Buongiorno; Tradução: Pedro De Souza. 11. ed. [s.l.] Bertrand Brasil, 2001.

CIPALLA, R. **Riot Grrrl**. History Link.Org. 29 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.historylink.org/file/22505>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

HOSTE, E. Kinderwhore at 30: How the 90s icon would've killed girlcore with hammers. **DAZED**, 25 mar. 2024. Disponível em: <<https://www.dazeddigital.com/fashion/article/62252/1/90s-kinderwhore-girlcore-girl-trends-courtney-love-hole-batsheva-celine>>. Acesso em: 20 mai. 2025.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

EVANS, L. **Women, Sex and Rock'n'roll**. [s.l.] Pandora Press, 1994. Disponível em: <<https://archive.org/details/womensexrocknrol0000unse/mode/1up>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FIGUEREDO, H. G.; GUERRA, P. **Soundgarden**. O Público e o Privado, v. 23, n. 1, p. e14663–e14663, 15 maio 2025.

FRANCE, K. **The Female Rock Renaissance**. Disponível em: <<https://nymag.com/intelligencer/1996/06/feminism-rocks.html>>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LEONARD, M. **Gender in the music industry : rock, discourse and girl power**. Aldershot: Ashgate, 2007.

MENDONÇA, S. **Estilo: Kinderwhore**. Moda de Subculturas, 31 out. 2013. Disponível em: <<https://modadesubculturas.blogspot.com/2013/10/estilo-kinderwhore.html?m=1>>. Acesso em: 9 jun. 2025

MENDONÇA, S. **Grunge: A sujeira que fsgou a Moda**. Moda de Subculturas, 5 abr. 2014. Disponível em: <https://modadesubculturas.blogspot.com/2014/04/grunge-sujeira-que-fsgou-moda_5.html>. Acesso em: 29 mai. 2025.

REYNOLDS, S. **POP MUSIC; Belting Out That Most Unfeminine Emotion**. The New York Times, 9 fev. 1992. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1992/02/09/arts/pop-music-belting-out-that-most-unfeminine-emotion.html>>. Acesso em: 7 de jun. 2025.

STRONG, C. **Grunge, Riot Grrrl and the Forgetting of Women in Popular Culture**. The Journal of Popular Culture, v. 44, n. 2, p. 398–416, 28 mar. 2011. Disponível em : <<https://researchoutput.csu.edu.au/ws/portalfiles/portal/8798663/PID26666prepub.pdf>> Acesso em 29 maio. 2025.

TRAVISBICKLE1963. **Babes In Toyland - Live The Marquee, London 25.08.92 (Full Show)**. Youtube, 21 de nov. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8p755xz6a4Q>>. Acesso em: 26 jun. 2025.

WAY,M.B. **my kinderwhore education**. i-D, 20 jul. 2015. Disponível em: <<https://i-d.co/article/my-kinderwhore-education/>>. Acesso em: 20 maio. 2025.

WURTZEL, E. **Girl Trouble**. The New Yorker, 29 jul. 1992. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/1992/06/29/girl-trouble>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

03-24-1993 Subterania. Hole Archive. Disponível em: <<https://holearchive.com/03-24-1993-subterania>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

